ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

(x) COMUNICAÇÃO
( ) CULTURA
( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
( ) EDUCAÇÃO
( ) MEIO AMBIENTE
( ) SAÚDE
( ) TRABALHO
( ) TECNOLOGIA

REGISTRO FOTOGRÁFICO DA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: IMAGEM DOCUMENTAL NO PROJETO "LENTE QUENTE" DE COBERTURA FOTOJORNALÍSTICA DA CULTURA EM PONTA GROSSA

JONSSON, André[1]
SOUZA, João Henrique Santos[2]
PAGANINI, Giovana[3]
BONFIM, Keren do Prado[4]
SCHOENHERR, Rafael[5]

RESUMO – O artigo explora a capacidade do acervo fotográfico digitalmente compartilhado do projeto de extensão constituir um serviço de documentação da história de lugares da cidade, seus usos e transformações. Vale-se de comparação comentada de imagens capturadas em diferentes momentos dos mesmos pontos no espaço urbano como forma de caracterizar e analisar a dimensão documental acionada pelo fotojornalismo. Sugere-se diferentes modos de acompanhamento, por parte do projeto, da trajetória de pontos relevantes no mapa da cultura local. A discussão deve servir de referência para a orientação de pautas e coberturas fotográficas, com vistas a oferecer o serviço digitalmente acessível de rastreamento dos processos de mudança que perfazem ou atravessam a cultura urbana. Um parque na região central vê surgir uma pista de caminhada, uma ruína permanece à margem da avenida, um antiquário não existe mais. Além dessas percepções da ordem documental da imagem, muda a forma de olhar e se posicionar fotograficamente em relação a esses lugares. As variações identificadas no espaço urbano e que interessam ao fotojornalismo cultural dizem respeito à diversidade de usos e de circulação, a transformações estruturais acompanhada da própria reconfiguração do sentido do lugar e ao âmbito da situação resultante da relação entre fotógrafo e ambiente em cada circunstância fotográfica.

PALAVRAS CHAVE – fotojornalismo; imagem documental; comunicação urbana.

[1] André Jonsson, estudante do 1º ano de Jornalismo, andr3e_05@hotmail.com.
[2] João Henrique Santos Souza, estudante do 1º ano de Jornalismo, joaohssouza@hotmail.com..
[3] Giovana Paganini, estudante do 1º ano de Jornalismo, vanagi_paganini@hotmail.com.
[4] Keren do Prado Bonfim, estudante do 1º ano de Jornalismo, kerinhabonfim@hotmail.com.
[5] Rafael Schoenherr, coordenador do projeto, professor do Decom, rafaelschoenherr@hotmail.com.

Introdução

O projeto de extensão, 'Lente Quente: boletim fotojornalístico da cena cultural de Ponta Grossa' completa, em maio de 2012, dois anos de publicação diária de fotos na web sobre opções e manifestações culturais. Entre essas imagens estão os registros de lugares ou pontos do espaço urbano significativos na referência informativa a uma identidade cultural e à própria história da cidade – e, desse ponto de vista, uma pauta legítima de cobertura do jornalismo cultural contemporâneo. Valendo-se desse acervo, este artigo pretende discutir e avaliar o serviço de documentação fotográfica das transformações que a cidade atravessa, desenvolvido, indiretamente, ao longo do tempo, pelo projeto. Devido a variações factuais, alguns lugares da cidade foram fotografados por mais de uma vez nesse período, o que permite ao usuário/internauta realizar comparações entre fotos do mesmo objeto e também entre dois momentos distintos do 'mesmo' espaço físico. Esse fato acabou por gerar um segundo processo produtivo exclusivo para a reflexão deste artigo, a partir das reuniões semanais de rotina do projeto. Planejou-se a seleção de algumas fotos de lugares que permitissem uma nova captura para a comparação ou para esse teste da percepção do comportamento do lugar registrado no tempo. A hipótese de trabalho é que esse exercício permita sondar a capacidade da fotografia jornalística documentar mudanças em determinados pontos da cidade – variações que possuem certo ritmo, conformam usos, sugerem olhares do transeunte - e, na medida em que o material é publicado, também é possível pensar em uma leitura fotográfica à distância.

Objetivos

O objetivo da pesquisa é relatar uma experiência extensionista e não propriamente um aprofundamento teórico, mais desejável em outro momento como uma continuação desse primeiro exercício. Pode-se reconhecer, entretanto, a proximidade com ao menos duas discussões teóricas que embasam a concepção de fotografia trabalhada pelo projeto.

A primeira perspectiva sustenta que o fenômeno urbano gera formas, tecnologias ou dispositivos comunicacionais específicos, tal como a fotografia no entender do texto clássico de Benjamin (1990). Essa 'técnica revolucionária' de percepção da realidade seria a um só tempo reflexo e instituinte de uma nova ordem perceptiva, tributária da circulação e da celeridade intensa. Diante de um espaço urbano em franca transformação, restaria à fotografia o papel de documentar aquilo que está em vias de desaparecer, como mais tarde recuperou a fotógrafa e ensaísta Susan Sontag (2004). Uma linha de raciocínio em desenvolvimento indireto por parte do projeto sustenta-se nessa concepção sobre fotografia articulada aos preceitos da antropologia urbana, que vão encontrar na cidade outros signos com papéis, sentidos culturais e funções simbólicas específicas em relação ao tempo e ao espaço, tais como a praça, o monumento e as telas (Gastal, 2006). Estuda-se a possibilidade de entender tanto os lugares fotografados como narrativas do tempo, índices de transformações variadas, quanto o acervo fotográfico do projeto como inserido nessa dinâmica de vincular os usuários do espaço urbano a uma narrativa coletiva, que é a memória cultural local. Outros acervos e conjuntos de imagens dispersos pela cidade guardariam proximidade com tal desempenho, como identificamos em outro momento (Schoenherr; Stadler, 2011).

A segunda discussão teórica de referência a ser apenas mencionada para esclarecimento pontual é que articula a foto como produção e sintoma cultural a sua semiologia ou linguagem. Aproveita-se a sugestão *barthesiana* de que a fotografia, a um só tempo, aciona repertórios culturais que lhe são exteriores, mas também projeta ou 'fisga' uma percepção outra da realidade. São valiosas aqui a noção de *studium* e *punctum* (Barthes, 1984) para comentar ou operacionalizar tentativamente fotografias que buscam, no limite, documentar (jornalisticamente) lugares de Ponta Grossa.

Metodologia

O trabalho desenvolveu-se em três etapas metodológicas: 1) seleção das imagens de lugares disponíveis no acervo dos dois primeiros anos do projeto; 2) nova captura fotográfica dos lugares selecionados, para atualização do registro; 3) comentário comparativo das imagens e dos objetos fotografados. Adotou-se por prática principal, portanto, extrair dados a partir do registro fotográfico realizado do mesmo lugar em diferentes momentos, o que Silveira denomina, provisoriamente, de cronofotografia (2010, p. 105).

Resultados



2012



2010

Esta foto foi tirada em 10 de abril de 2012, por André Jonsson. Mostra a Praça do Parque Ambiental, no centro, em Ponta Grossa. Em comparação ao registro anterior disponível no acervo do projeto, em 2010, a fotografia consegue documentar a transformação do local a partir do incremento da pista (e dos usuários do espaço) no espaço de lazer da população. Permanecem o brinquedo, a via original de caminhada, a quadra ao fundo e parte do arborismo. A pintura foi refeita e foi anexada uma nova via para facilitar o fluxo de pessoas. A foto de 2010 foi feita, provavelmente, à tarde, enquanto que a nova captura foi no período da manhã, conferindo maior luminosidade. A primeira tem maior número de detalhes ao fundo e a segunda enfatiza a realidade próxima.

O aspecto principal detectado na foto é o lazer em espaço público (um dos usos possíveis das praças e ruas), também notado em outras fotos do Lente Quente, como é o caso do registro da Concha Acústica da Praça Barão do Rio Branco, em estado de abandono, também na região central. Espaços com a mesma característica são, assim, expostos no acervo em circunstância variada.



2012



2010

Esta foto foi tirada em 10 de abril de 2012, por André Jonsson. A imagem consegue documentar a transformação do lugar a partir dos elementos que compõem o periférico do tema – casas e veículos. Permanecem todos os elementos da foto anteriormente realizada, como a ruína e o muro. A casa ao fundo, na foto “nova” tem antenas de TV a cabo, retrato de apropriação das novas tecnologias de comunicação. A foto também mostra duas motocicletas, meio de transporte que cresce em Ponta Grossa. A fotografia de 2010 foi feita em um dia bem ensolarado, o que favoreceu a percepção de detalhes ao fundo, a de 2012 foi feita pela manhã e com muita neblina, mas compensou nos detalhes da fachada, que ficaram mais visíveis. A fachada é na Avenida Carlos Cavalcanti, palco diário de trajetórias de trabalhadores. Muitos lembram como era a Avenida ainda só por calçamento, as antigas lojas e casas, como essa fachada. Portanto vale muito registrar, para manter vivo o passado e atentar os olhares apressados que passam. O aspecto principal da foto é o registro histórico, muito praticado pelos fotógrafos do Lente Quente, como é o exemplo da foto do prédio localizado na rua Balduíno Taques, em cima de uma padaria, em processo de tombamento pelo patrimônio histórico. Ruínas com destinações diferenciadas.





2012 2010

Esta foto foi tirada em 13 de abril de 2012, por Keren do Prado Bonfim. O Edifício Princesa, agora de outra perspectiva, continua fazendo parte do cenário ponta-grossense. Se em 2010 a pintura era forte e dava um tom de vivacidade, hoje a fachada está mais clara. O movimento ao redor, de carros e pessoas, por exemplo, está mais contínuo. A foto foi feita em um dia ensolarado, assim como a antiga. O que diferencia são as nuvens e as condições de luminosidade que estão mais vivas. Outra diferença é de que na foto anterior a praça desaparece da vista do edifício, pois o ângulo o aproxima mais dos prédios vizinhos. Na imagem recente, há um ganho de ambientação ou de contextualização, na medida em que situa o edifício específico na cidade. A foto anterior prefere destacar a altura total do prédio a partir de enfoque lateral.





2012 2010

Esta foto foi tirada em 13 de abril de 2012, por Keren do Prado Bonfim. O cenário agora é outro: é o movimento que guia a cidade (os fluxos). Não se vê apenas uma cena do interior (casa antiga ao fundo), mas a “velocidade” que também faz parte do cotidiano. O que evidencia o mesmo local nas duas fotos feitas pelo Lente Quente é a construção ao fundo, pois até a cortina da janela

continua a mesma. Se o motoqueiro está com pressa, para a casa o tempo não passa. O que era um pedestre na foto antiga, atravessando lentamente a rua, vira uma motocicleta que imprime signos de velocidade na imagem (efeito borrado).



2012



2010

Esta foto foi tirada em 13 de abril de 2012, por Giovana Paganini. As duas fotos foram tiradas dando ênfase à entrada principal da Mansão Vila Hilda. Durante os dois anos que saparam as fotos, a pintura não foi refeita e as cores continuam iguais, mas podemos perceber que a fachada está em bom estado de preservação. A primeira foto provavelmente foi tirada no período da tarde, mostra um grupo de jovens que se reuniam para evento literário comemorativo, em sintonia com a oferta cultural mundializada (indústria cinematográfica e editorial). Na foto acima, resta apenas 'localidade'. A imagem anterior remete, ainda, a dois temos, o passado (casarão preservado) e o novo (jovens na escada dando outro uso ao espaço).



2012



2011

Esta foto foi tirada em 13 de abril de 2012, por Giovana Paganini.Temos esse como um dos exemplos mais drásticos de comparação, a loja de antiguidades que ocupava um prédio histórico no centro de Ponta Grossa, cuja vitrine deixava exposto tanto mobília e artigos de decoração quanto os gatos persas dos donos da loja, flagrados na imagem anterior. O casarão foi demolido para no lugar futuramente ser implantado um estacionamento. Não somente por ser uma estrutura arquitetônica antiga, mas também por ser um dos únicos antiquários da cidade, a beleza e elegância do local foi substituída pelo vazio desse espaço. A segunda foto foi feita a partir de um buraco no tapume que cerca a entrada do local, focando a profundidade do terreno. Espia-se e não há nada por dentro.

Conclusões

Resta, por fim, recomendar uma breve aposta teórica aplicada ao projeto de extensão a partir de tal exercício ensaístico de seleção, comparação e comentário de fotografias de lugares caros ao imaginário da cidade. Interessa perceber que não mudaram apenas os fotógrafos autores das imagens. Aliás, fez-se questão de que os novos integrantes do projeto fotografassem os lugares

anteriormente capturados pelos membros da equipe original de 2010. O que mais se percebe de transformações? Mudou a composição cênica dos espaços, seja por demolições ou pela presença de usuários da cidade – também em função de serem outras as circunstâncias climáticas e de cronologia da cultura urbana.

A alteração desses condicionantes fica evidente nos comentários anteriores que vão ao bastidor da produção fotojornalística a fim de revelar aspectos que embasaram, com maior ou menor certeza, a tomada de decisões para o registro. O que se quer aguçar agora, para efeitos de pistas finais de uma possível pesquisa ou reflexão de interesse extensionista é a hipótese de que o modo de fazer as fotos ou de capturar os lugares muda na medida em que se transforma a cidade. Como se os fotógrafos fossem estimulados pelo ambiente urbano a fotografar de outra forma – a escolher outro ângulo, a detalhar algo próximo e não mais algo distante no espaço, a melhor situar determinado ambiente. Ideia que reivindica discussão em outro momento, dada a envergadura teórica capaz de articular percepção, sensibilidade, técnica e transformações do espaço urbano.

Pelo momento, cabe finalizar com a possível síntese de que, dadas as comparações estimuladas entre distintos 'tempos' dos lugares, o caráter documental do acervo fotográfico digital do projeto de extensão reside na capacidade de: a) trabalhar com os entornos do cenário (e do quadro fotográfico) e perceber aí as modificações que tangenciam o foco ou motivo central; b) registrar fluxos que perfazem espaços por vezes com a mesma característica (como foi o caso da praça pública) e também o mesmo lugar; e c) resguardar marcos territoriais da vida cultura do esquecimento ou das estratégias – mais ou menos sutis na política cultural e urbana – de apagamento das marcas identitárias dos lugares da cidade.

Referências

BARTHES, Roland. **A câmera clara**. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GASTAL, Susana. **Alegorias Urbanas: o passado como subterfúgio.** Tempo, espaço e visualidade na pós-modernidade. Campinas: Papirus, 2006.

SCHOENHERR, Rafael; STADLER, Luana. **A circulação da fotografia na cidade**: indicações sobre lugares de exposição e usos culturais. Intercom Sul. Londrina, 2011.

SILVEIRA, Fabrício. **O parque dos objetos mortos**: e outros ensaios de comunicação urbana. Porto Alegre: Armazém Digital, 2010.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.